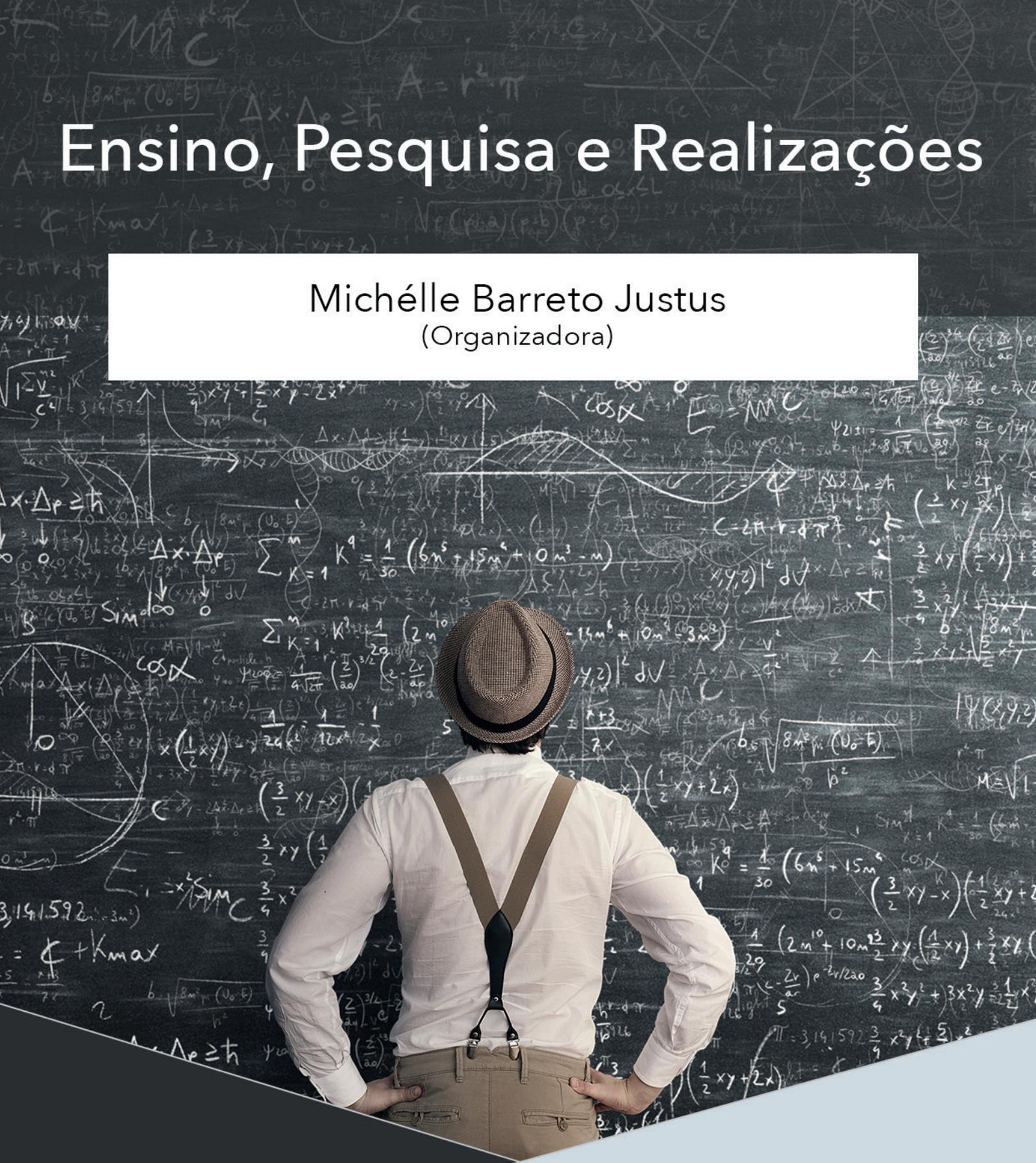


Ensino, Pesquisa e Realizações

Michéle Barreto Justus
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2018

Michéle Barreto Justus
(Organizadora)

Ensino, Pesquisa e Realizações

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E	Ensino, pesquisa e realizações [recurso eletrônico] / Organizadora Michéle Barreto Justus. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-006-3 DOI 10.22533/at.ed.063181212 1. Ciência – Brasil. 2. Pesquisa – Metodologia. I. Justus, Michéle Barreto. CDD 001.42
---	---

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Os estudos e pesquisas advindas do Ensino Superior podem contribuir sobremaneira para a melhoria das condições de vida da sociedade em geral, reafirmando o papel fundamental do conhecimento científico como ferramenta para a superação de vários problemas sociais vivenciados em nosso país.

Nesse sentido, o material intitulado “Ensino, pesquisa e realizações” ganha importância por constituir-se numa coletânea de estudos, experimentos e vivências de seus autores, tendo por objetivo reunir e socializar os estudos desenvolvidos em grandes universidades brasileiras.

A obra está organizada em 2 eixos: estudos teórico-metodológicos acerca de temas pedagógicos e pesquisas sobre processos biológicos e tecnológicos, reunidos em 27 artigos científicos.

Os artigos apresentam pesquisas direcionadas ao ambiente educacional, às práticas e metodologias de ensino, ao estudo da história e às possibilidades de soluções práticas de questões cotidianas nas áreas de enfermagem e das ciências exatas e tecnológicas.

Certamente os trabalhos aqui apresentados são de grande relevância para o meio acadêmico, pois proporcionam ao leitor uma gama de leituras que permitem análises e discussões sobre assuntos pertinentes à pedagogia, à biologia e à tecnologia numa perspectiva científica, através de linguagem clara e concisa, que propicia ao leitor a aproximação e o entendimento sobre alguns temas abordados nessas áreas do conhecimento.

Michéle Barreto Justus

SUMÁRIO

ÁREA TEMÁTICA PEDAGOGIA, FORMAÇÃO DE PROFESSORES E INCLUSÃO

CAPÍTULO 1 1

ANÁLISE DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR: SUBSÍDIOS PARA UM DEBATE

[Renan Lucas Vieira dos Santos](#)

[Tatiana Costa Coelho](#)

DOI 10.22533/at.ed.0631812121

CAPÍTULO 2 8

A FORMAÇÃO DOS DOCENTES DO CURSO DE PEDAGOGIA FRENTE AOS DESAFIOS

[Andreia Nunes de Castro](#)

[Rosângela de Fátima Cavalcante França](#)

[Sergio Paulo Mesquita Junior](#)

DOI 10.22533/at.ed.0631812122

CAPÍTULO 3 18

AS CONTRIBUIÇÕES DE PRÁTICAS LUDICAS PARA O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A IMPORTANCIA DO PAPEL DO PEDAGOGO.

[Magnólia Maria Oliveira Costa](#)

DOI 10.22533/at.ed.0631812123

CAPÍTULO 4 30

O TRABALHO PEDAGÓGICO REALIZADO COM BEBÊS NOS CENTROS MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE CORNÉLIO PROCÓPIO-PR

[Roseli de Cássia Afonso](#)

DOI 10.22533/at.ed.0631812124

CAPÍTULO 5 41

INCLUSÃO DE ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS NA ESCOLA REGULAR: UM OLHAR SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE

[Ivone Miranda dos Santos Menezes](#)

DOI 10.22533/at.ed.0631812125

CAPÍTULO 6 55

REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO PROFISSIONAL A PARTIR DO DESENVOLVIMENTO DE UM PROJETO DE FORMAÇÃO CONTINUADA PARA O ENSINO E APRENDIZADO DA DANÇA NO CONTEXTO ESCOLAR

[Kathya Maria Ayres de Godoy](#)

[Ivo Ribeiro de Sá](#)

DOI 10.22533/at.ed.0631812126

CAPÍTULO 7 68

RESPONSABILIDADE SOCIAL UNIVERSITÁRIA, PROJETO ENVELHE SER E VIDA EM MOVIMENTO

[Mírian Pereira Gautério Bizzotto](#)

Olívio José da Silva Filho

DOI 10.22533/at.ed.0631812127

CAPÍTULO 8 80

VIVÊNCIAS JUVENIS INSCRITAS EM UM PROJETO EXTENSIONISTA DE INCLUSÃO DIGITAL

Rosane Maria Castilho

Flávia Valéria Cassimiro Braga

DOI 10.22533/at.ed.0631812128

CAPÍTULO 9 96

EFEITO DA FORMAÇÃO ACADÊMICA NO RENDIMENTO DE MESTRANDOS NA DISCIPLINA DE FISILOGIA DA PRODUÇÃO VEGETAL NA PÓS-GRADUAÇÃO DA UEG

Camila Lariane Amaro

Diego Braga de Oliveira

Patrícia Souza da Silveira

Fábio Santos Matos

DOI 10.22533/at.ed.0631812129

CAPÍTULO 10 102

PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E A QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL PARA O MERCADO DE TRABALHO: UM ESTUDO DE CASO NA ESCOLA SENAC RN

Maria Augusta da Cunha Pimentel

DOI 10.22533/at.ed.06318121210

CAPÍTULO 11 117

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Victor Fabiam Gomes Xavier

Clecia Simone G. R. Pacheco

DOI 10.22533/at.ed.06318121211

CAPÍTULO 12 129

INTEGRANDO AS PARTES AO TODO: BEM-VINDOS AO SENAC SÃO CARLOS

Márcia Cristina Fragelli

DOI 10.22533/at.ed.06318121212

CAPÍTULO 13 133

MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO E TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL NA EDUCAÇÃO ESCOLAR: UMA INVESTIGAÇÃO INICIAL EM PRODUÇÕES ACADÊMICAS RECENTES

Lucas Rinaldini

Jéssica Priscila Simões

Irineu Aliprando Tuim Viotto Filho

DOI 10.22533/at.ed.06318121213

ÁREA TEMÁTICA METODOLOGIAS DE ENSINO

CAPÍTULO 14 140

A UTILIZAÇÃO DAS “TIRAS HUMORÍSTICAS” COMO RECURSO MOTIVADOR PARA O ENSINO DE

CAPÍTULO 15 151

CONTRIBUIÇÕES PARA PRÁTICA PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE QUÍMICA

Jhenyfer Caroliny Almeida
Luciana Aparecida Siqueira Silva
Christina Vargas Miranda e Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.06318121215

CAPÍTULO 16 159

CADEIAS DE MARKOV: UMA APLICAÇÃO PARA O ENSINO MÉDIO

Diogo Meurer de Souza Castro

DOI 10.22533/at.ed.06318121216

CAPÍTULO 17 171

O PEQUENO CIENTISTA E A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA SOBRE OS MICROORGANISMOS (BACTÉRIAS, FUNGOS E PROTOZOÁRIOS)

Marcelo Duarte Porto
Everson Inácio de Melo
Nayara Martins de Mattos
Mariana de Moraes Germano
Paloma Oliveira de Souza

DOI 10.22533/at.ed.06318121217

CAPÍTULO 18 178

METODOLOGIAS ATIVAS PARA AÇÕES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UM COMPARATIVO DAS METODOLOGIAS FUNDAMENTADAS NA PROBLEMATIZAÇÃO

Ana Carolina de Moraes
Marta Jussara Cremer

DOI 10.22533/at.ed.06318121218

CAPÍTULO 19 194

A IMPORTÂNCIA DA CONSTRUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS DIGITAIS PARA PROFESSORES DO ENSINO SUPERIOR

Edilmar Marcelino
Ana Beatriz Buoso Marcelino

DOI 10.22533/at.ed.06318121219

CAPÍTULO 20 204

PEDAGOGIA ATIVA: CONSTRUINDO SABERES NO ENSINO SUPERIOR

Alexandre Russo
Fabiana Meireles de Oliveira
Fatima Ramalho Lefone
Marcos Correa

Mirian Nere

DOI 10.22533/at.ed.06318121220

CAPÍTULO 21 209

O USO DO WHATSAPP NO ENSINO

Ernane Rosa Martins

Luís Manuel Borges Gouveia

DOI 10.22533/at.ed.06318121221

CAPÍTULO 22 217

TRILHA URBANA E ANÁLISE DO ESPAÇO- TEMPO NO CENTRO HISTÓRICO DO RIO DE JANEIRO COM USO DO GEOPROCESSAMENTO

Paulo Elísio Marinho Abrantes

Gleide Alencar Do Nascimento

João Carlos Nara Junior

Reinaldo Bernardes Tavares

DOI 10.22533/at.ed.06318121222

ÁREA TEMÁTICA PESQUISA HISTÓRICA

CAPÍTULO 23 237

HISTÓRIA E IMAGINÁRIO SOCIAL DAS PROFESSORAS NO PROCESSO EDUCACIONAL NO BRASIL

Gláucia da Rosa do Amaral Alves

Elsbeth Léia Spode Becker

DOI 10.22533/at.ed.06318121223

CAPÍTULO 24 253

CAPITALISMO, GLOBALIZAÇÃO E CULTURA AFRODESCENDENTE:

A ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA ANA LAURA (PIRACANJUBA/GO)

Iván Mauricio Perdomo Villamil

Flávio Reis dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.06318121224

CAPÍTULO 25 268

A INDUMENTÁRIA FEMININA EM ANÁPOLIS ENTRE AS DÉCADAS DE 1920 E 1950

Amanda Milanez Fenerick

DOI 10.22533/at.ed.06318121225

CAPÍTULO 26 283

A INOPERÂNCIA DO ESTADO DIANTE DAS BARBÁRIES NO HOSPITAL COLÔNIA EM BARBACENA-MG

Fernanda Cristina de Brito

Márcio A. R. Rezende Filho

Juliana do Nascimento Farias

Cristiano Garcez Gualberto

DOI 10.22533/at.ed.06318121226

CAPÍTULO 27 288

A PRODUÇÃO DE UM DISCURSO DE NATUREZA NO PAMPA SOB O OHAR DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Renata Lobato Schlee

Paula Corrêa Henning

DOI 10.22533/at.ed.06318121227

CAPÍTULO 28 303

EDUCAÇÃO, EXCLUSÃO E SILENCIAMENTO: A ESCOLA PÚBLICA NA PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO (1850-1889)

Vinicius Teixeira Santos

DOI 10.22533/at.ed.06318121228

CAPÍTULO 29 316

SOBRE AS NOÇÕES DE SEMELHANÇA E DESSEMELHANÇA NA DEFINIÇÃO DA HUMANIDADE INDÍGENA: UM ESTUDO A PARTIR DE UM TEXTO JESUÍTICO DO SÉCULO XVI

Marcos Roberto de Faria.

DOI 10.22533/at.ed.06318121229

ÁREA TEMÁTICA PROCESSOS BIOLÓGICO E TECNOLÓGICOS

CAPÍTULO 30 321

A IMPORTÂNCIA DAS PLANTAS MEDICINAIS NO TRATAMENTO DE NEOPLASIAS: REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

Francisco Lucas Sales Dressler Silva

Thyago Pereira Douglas Machado

Felipe Valino dos Santos

William Dias Borges

Glenda Keyla China Quemel

Ana Gabriela Sousa Gonçalves

DOI 10.22533/at.ed.06318121230

CAPÍTULO 31 326

ANÁLISE COMPARATIVA DO CRESCIMENTO INICIAL DE *EUCALYPTUS GRANDIS* HILL EX MAIDEN (MYRTACEAE) E *GUAZUMA ULMIFOLIA* LAM. (MALVACEAE)

Thaynara Martins de Oliveira

Rayane Rodrigues Ferreira

Jales Teixeira Chaves Filho

DOI 10.22533/at.ed.06318121231

CAPÍTULO 32 330

ESTIMATIVA DA VARIABILIDADE ESPACIAL DO ÍNDICE RELATIVO DE CLOROFILA POR MEIO DE KRIGAGEM INDICATIVA

Caroline Xavier dos Santos

Elaine de Fatima Miranda Freitas

Sueli Martins de Freitas Alves

DOI 10.22533/at.ed.06318121232

CAPÍTULO 33 338

LÁTEX E ANGIOGÊNESE

Patrícia Lima D'Abadia

Amanda Fernandes Costa

Pablo José Gonçalves

Luciane Madureira de Almeida
DOI 10.22533/at.ed.06318121233

CAPÍTULO 34 356

RESFRIAMENTO DO AMBIENTE INTERNO DE MODELOS REDUZIDOS DE RESIDÊNCIA USANDO A TÉCNICA POT-IN-POT EM PAREDES

Marianne Silva Guimarães
Lídia Alla Silva
Patrícia Sardinha Dias
Isabella Faria Santos
Miriã Moreira Costa
Dra. Raphaela Christina Costa Gomes

DOI 10.22533/at.ed.06318121234

CAPÍTULO 35 366

TRATAMENTO TERCIÁRIO DO CORPO HÍDRICO DO RIBEIRÃO VAI E VEM NO MUNICÍPIO DE IPAMERI – GO CONTAMINADO POR EFLUENTE DOMÉSTICO.

Luciana Maria da Silva
Janaína Borges de Azevedo França
Luana Mesak
Anderson Dias

DOI 10.22533/at.ed.06318121235

CAPÍTULO 36 376

HYDROFLOW: MEDIDOR DE FLUXO DE ÁGUA COM ENFOQUE NO CONSUMO SUSTENTÁVEL

Yonathan Stein
Alex Martins de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.06318121236

SOBRE A ORGANIZADORA..... 392

VIVÊNCIAS JUVENIS INSCRITAS EM UM PROJETO EXTENSIONISTA DE INCLUSÃO DIGITAL

Rosane Maria Castilho

Universidade Estadual de Goiás

rosanecastilho@ueg.br

Flávia Valéria Cassimiro Braga

Universidade Estadual de Goiás

flavia_valeria@yahoo.com.br

RESUMO: Este texto tem por objetivo apresentar algumas vivências reveladoras de sentidos em um projeto de extensão, cujo público alvo são pessoas que vivem situações de exclusão digital relativas às ferramentas de uso cotidiano ou ao mundo do trabalho em seu caráter informatizado. Os relatos aqui contidos, referenciam-se no Projeto de Extensão realizado no Campus da UEG - Aparecida de Goiânia, intitulado “Inclusão Digital e Assessoria de Emprego para pessoas acima de quarenta anos de idade”. Pretende-se aqui, além de apresentar relatos de acadêmicos que desenvolveram ações extensionistas relativas a este projeto, desvelar seus olhares sobre a experiência de ensinar, ajudar e aprender com os sujeitos desta ação. Os relatos dos acadêmicos foram coletados através de relatórios e depoimentos apresentados em Encontros Acadêmicos desta Universidade, tendo como resultado principal a percepção de que a inclusão digital é uma proposta viável e factível, viabilizando o alcance,

tanto da autonomia em âmbito tecnológico da comunidade participante, quanto de percepções reveladoras sobre habilidades e competências que estão para além dos saberes de ordem prática.

PALAVRAS-CHAVE: Inclusão Digital, Assessoria de Emprego, Autonomia, Extensão Universitária.

ABSTRACT: This text aims to present some meaningful experiences in an extension project, which has as its target audience people living in digital exclusion situations related to the tools of everyday use, or the world of work in its computerized character. The reports contained herein are referenced in the Extension Project carried out at the UEG - Aparecida de Goiânia Campus, titled “Digital Inclusion and Employment Advice for people over forty years of age”. It is intended here, in addition to presenting reports from academics who have developed extensions actions related to this project, unveil their looks on the experience of teaching, helping and learning with the subjects of this action. The reports of the academics were collected through reports and testimonies presented at Academic Meetings of this University. The main result being the perception that digital inclusion is a viable and feasible proposition, making possible the accomplishment of the autonomy in the

technological scope of the participating community, as well as reveal perceptions about skills and competences that are beyond practical knowledge.

KEYWORDS: Digital Inclusion, Employment Assistance, Autonomy, University Extension Program.

RESUMEN: Este artículo presenta algunas vivencias reveladoras de sentidos en un proyecto de extensión que se destina a las personas que viven situaciones de exclusión digital relativa a las herramientas de utilización cotidiana y al mundo de trabajo informatizado. Los informes se refieren al proyecto de extensión que tuvo lugar en el Campus de la UEG - Aparecida de Goiânia, titulada “Inclusión Digital y asistencia al empleo para las personas de más de cuarenta años de edad.” El objetivo es presentar las vivencias de académicos que desarrollaran acciones de extensión en este proyecto, presentando así sus miradas y los sentidos de la experiencia de la enseñanza de ayudar y aprender con los sujetos de esta acción. Los informes de los estudiantes fueron recolectados a través de informes y testimonios presentados en encuentros académicos de esta Universidad, teniendo como resultado principal la percepción de que la inclusión digital es factible y posible y que este proyecto de extensión ha logrado algunos de sus objetivos, tales como autonomía tecnológica de la comunidad participante y percepciones relativas a habilidades y competencias que están más allá de los saberes del orden práctico.

PALABRAS-CLAVE: Inclusión Digital, Asesoramiento Laboral, Autonomía, Extensión Universitaria.

INTRODUÇÃO

A Extensão Universitária, um importante eixo articulador entre o ensino e a pesquisa, destaca-se por seu ‘talento’ transformador das relações entre a universidade e a sociedade, permitindo o desvelar de ações e práticas que reforcem o anseio por um viés de formação acadêmica que privilegie o seu caráter científico-social, sustentando sua relação indissociável com a cultura, tomada aqui como um traço social e histórico distintivo e, ao mesmo tempo, agregador, dado o seu potencial simbólico (CASTILHO, 2017). O intuito deste artigo é apresentar relatos de vivências de jovens acadêmicos envolvidos com ações de extensão a fim de compartilhar os sentidos e os significados destas experiências e seus desdobramentos pela via das percepções acerca de suas três primeiras edições, ocorridas entre os anos de 2013 e 2015. Uma versão reduzida deste trabalho foi publicada na Revista UFG, ano XV, n. 07, pp. 97-114, intitulada: Jovens construindo pontes: vivências inscritas em um projeto extensionista de inclusão digital.

Tais vivências referem-se ao Projeto de Extensão realizado no Campus da Universidade Estadual de Goiás em Aparecida de Goiânia, intitulado *Inclusão Digital*

e Assessoria de Emprego para pessoas acima de quarenta anos de idade, cujos objetivos envolvem: oferecer um curso de informática básica, palestras e assessoria emprego, no intuito de auxiliar o público alvo na recolocação no mercado de trabalho, visando assim, a qualificação destas pessoas a fim de que sejam aumentadas as oportunidades de gozar de melhores condições de vida. Os relatos de experiência foram coletados por meio de entrevistas, relatórios e depoimentos, alguns deles, inclusive, apresentados em Encontros Acadêmicos desta Instituição de Ensino Superior.

Inicialmente, este artigo abordará a questão da extensão universitária como um caminho viável para o trabalho envolvendo habilidades e competências, em uma perspectiva iminentemente natural, visto que as motivações das ações de extensão são muitas vezes assumidas pelos acadêmicos num processo de viés mais espontâneo do que efetivamente técnico.

Em um segundo momento, discutirá as demandas contextuais de um mundo tomado como globalizado e competitivo, aliado à identificação da necessidade de conhecimentos sobre informática básica para se alcançar um nível mínimo de qualificação profissional. Buscaremos ainda identificar o gargalo no que tange às dificuldades dos brasileiros com idade madura (acima de 40 anos de idade) em conseguir emprego, quando esses fazem parte de um segmento de trabalhadores com frágil qualificação, justificando, nesse momento, a necessidade de se trazer esta questão para o campo de interesse da extensão universitária.

Serão apresentadas ainda, sob a forma de relatos e percepções singulares, algumas experiências de ensino e aprendizagem vivenciadas no projeto de extensão, desveladoras de desafios, ações identificadas como exitosas, assim como novas perspectivas de trabalho, identificadas pelos acadêmicos extensionistas no decorrer das aulas e das palestras oferecidas à comunidade envolvida.

Assim, este trabalho pretende discorrer sobre o percurso destas aulas, o engajamento dos sujeitos e ainda sobre o desejo de se obter respostas para uma variedade de questões que surgiram no processo, desafiando a capacidade de compreensão, interpretação e atuação dos sujeitos sociais envolvidos.

BREVE DISCUSSÃO SOBRE A UNIVERSIDADE E AS AÇÕES DE EXTENSÃO

Souza (2000) afirma que a extensão é o instrumento necessário para que a Universidade possa aliar a pesquisa e o ensino, articulando-os entre si e levando-os o mais próximo possível das aplicações práticas na comunidade, fortalecendo a ideia de que a Universidade deve estar presente na formação de cidadãos críticos e engajados, dentro e fora de seus muros.

Desta forma, percebe-se que, de um modo geral, os projetos de extensão permitem a quebra dos “muros” entre a universidade e comunidade, permitindo que

ocorra uma intercambialidade de informações entre acadêmicos e comunidade, de maneira que em ambos os lados haja um ganho de saberes e experiências.

Assim, nessa tríade (ensino, pesquisa e extensão), a universidade busca diminuir a intensidade dos efeitos dos processos de exclusão, visando aumentar a participação popular na vida acadêmica, e, ainda, melhorar de forma direta e indireta, a formação profissional do acadêmico, contribuindo para a potencialização de suas habilidades e competências profissionais e sociais.

Crê-se, assim, que por meio da extensão a universidade consegue levar até a comunidade os conhecimentos de que é detentora, os quais são produzidos com a pesquisa e com o ensino. Neste sentido, a extensão universitária desenrola-se em um processo de reciprocidade, capaz de socializar e democratizar o saber científico, de modo a que este não se traduza em privilégio apenas da minoria da população (universitária), mas difunda-se também na comunidade não acadêmica, consoante os próprios interesses dessa mesma comunidade (SANTOS, 2006, p. 14).

Segundo Serrano (2008, p. 5) a extensão abre caminho para transformar a sociedade, a própria universidade e as relações entre outros saberes acadêmicos. Assim, entendemos que a extensão traz melhorias na relação universidade- sociedade, pensando nos ganhos de ambas as partes inscritas: a sociedade aprende com a universidade e a universidade aprende com a sociedade, revelando o caráter de reciprocidade de ganhos nesta parceria.

Habermas (2012) propõe que a educação não seja apenas uma forma de dar ao ser humano acesso ao conhecimento, mas sim de formar o indivíduo para reelaborar esse conhecimento no sentido da emancipação e da transformação social. Para esse autor, a educação, no seu sentido mais amplo de processos de formação, é um tema central. Dessa forma, na perspectiva de Habermas, a educação deveria ser compreendida no sentido mais abrangente possível, abrigo processos de formação social, cultural e científico. Neste sentido, é através das atividades de ensino, pesquisa e extensão que a universidade se fortalece.

Nesta perspectiva, projetos de Extensão devem obedecer a alguns critérios, tais como, serem realizados pensando no perfil e nas necessidades mais emergentes da comunidade local, bem como nas demandas contextuais emergentes. É o que diz Brandão (apud Souza e Carvalho, 2016, p. 10-11):

O que se propõe não é apenas um serviço estendido às camadas populares um tanto mais ativo e participativo, mas uma radical inversão. O “Serviço de Extensão” deixa de servir, sobretudo, aos interesses da própria universidade através de sua “extensão além-muros”, e passa a destinar-se a ele, ao povo, colocando-se a seu serviço. Isto implica estabelecer um diálogo aberto o suficiente para que a condição de vida e os projetos de sua transformação, tal como vividos e pensados por agentes populares, seja o fundamento de qualquer programa de extensão cultural [...].

Nesse sentido, todos ganham com as experiências de extensão. Para a comunidade é notório o desenvolvimento e crescimento pessoal e profissional, já

para os alunos extensionistas, percebe-se ganho no incremento das habilidades interpessoais, na aplicação de conteúdos estudados em sala e na execução dos mesmos junto ao público alvo.

Segundo Jezine (2004), a extensão universitária é parte integrante na formação e produção do conhecimento, envolvendo professores e alunos de forma dialógica, possibilitando uma formação crítica. Assim, as ações de extensão têm o intuito de realizar uma maior aproximação entre universidade e a comunidade que a circunda, por meio dos próprios alunos, pois desta forma as universidades conseguem levar o conhecimento produzido e problematizado à comunidade, viabilizando trocas enriquecedoras.

Tomando tais expectativas como referência, novos projetos de extensão são propostos todos os anos, como é o caso do Projeto Inclusão Digital no Campus de Aparecida de Goiânia da UEG, objeto de discussão do presente trabalho.

SOBRE AS EXIGÊNCIAS TECNOLÓGICAS E A DEMANDA POR QUALIFICAÇÃO

Segundo Carreazo (2010) a tecnologia é uma necessidade absoluta na atualidade e dela não podemos escapar, já que tem um papel preponderante em nosso cotidiano. Em outras palavras, ela responde à maioria dos problemas da humanidade dita civilizada e sua importância aponta para as facilidades de resolução de questões e/ou demandas como o uso inteligente do tempo. Nesse sentido, o conhecimento da informática tornou-se algo indispensável tanto para atender às necessidades do mercado de trabalho quanto para atender às necessidades pessoais cotidianas.

Promover e tornar acessível o acesso das novas tecnologias, representa um dos objetivos da ONU (Organização das Nações Unidas) para o desenvolvimento e bem-estar dos povos no século XXI. A ONU estabeleceu, portanto, oito metas (até o ano de 2015) que visam erradicar a pobreza extrema e amenizar problemas sociais graves como fome, incidência de doenças, analfabetismo, dentre outros. Assim, a inclusão digital faz parte do oitavo objetivo estabelecido como Meta para o Milênio, que é: “avançar no desenvolvimento de um sistema comercial e financeiro aberto, previsível e não discriminatório [...], tornar acessíveis os benefícios das novas tecnologias, em especial de informação e de comunicações.” (ONU, 2013).

Vale ressaltar que a acessibilidade na internet é uma das formas de garantir a cidadania das pessoas. De acordo com o Programa Nacional de Inclusão Social (BRASIL, 2013), “a inclusão digital é um dos caminhos para atingir a inclusão social. Por meio dela, as camadas mais carentes da população podem se beneficiar com novas ferramentas para obter e disseminar conhecimento, além de ter acesso ao lazer, à cultura e melhores oportunidades no mercado de trabalho”.

Segundo Viana (2009), a informatização dos serviços sociais é uma consequência crescente do capitalismo em expansão. Assim, o processo amplia a

camada de trabalhadores que demandam por inclusão digital, o que exige cada vez mais a incorporação do saber técnico no processo produtivo, contribuindo, todavia, para a produção de mais-valor capitalista. Cantú (2003) amplia esta perspectiva de interpretação quando afirma que para alcançar a qualificação por meio da educação profissionalizante, o Brasil tem se apoiado no engajamento institucional de algumas entidades públicas e privadas, visando uma efetiva oferta de formação profissional, com o intuito de desenvolver a um efetivo de trabalhadores aptos tanto a responder à demandas trabalho propriamente dito, quanto a responder a demandas organizacionais. A autora explica que, a preocupação com a qualificação profissional faz parte do sindicalismo brasileiro desde os anos 1990 e dentre elas estão elencadas: formação continuada para trabalhadores desempregados; iniciativas de reciclagem de trabalhadores; cursos técnicos para filhos e associados abertos à comunidade; cursos de formação profissional para a população adulta de baixa renda; alfabetização de jovens e adultos e, ainda, formação profissional de dirigentes.

Para realizar um cotejamento entre o tempo de escolaridade dos brasileiros e o acesso digital, tem-se o levantamento do IBGE (2010) que aponta que o nível de instrução dos usuários da Internet foi acentuadamente mais elevado que o das pessoas que não utilizaram esta rede. Identificou-se que o número médio de anos de estudo dos usuários da Internet foi de 10,7 anos, enquanto o das pessoas que não utilizaram esta rede ficou em 5,6 anos.

Observa-se, portanto, que, quanto maior o tempo de escolaridade dos brasileiros, maior o acesso à internet. Logo, o quesito escolaridade está intrinsecamente vinculado ao nível ou grau de conhecimento específico, à habilitação para o mercado de trabalho, à capacidade de dominar as ferramentas da informática e ao aumento da perspectiva de vida do indivíduo em relação ao futuro.

Embora certas dificuldades de trabalho e qualificação profissional façam parte daquelas pessoas consideradas maduras, numa faixa etária acima de quarenta anos idade, um estudo realizado pelo Ministério da Previdência (BRASIL, 2008), observou que o emprego com carteira assinada aumentou nas duas franjas: entre os mais jovens e os que têm acima de 50 anos. Neste sentido o levantamento sugere que houve uma mudança no comportamento das empresas: em 2007, houve um crescimento do número de jovens que conseguiram o primeiro emprego e de trabalhadores com mais de cinquenta anos que voltaram ao mercado de trabalho formal. Entre as pessoas que tinham entre dezesseis e dezenove anos, foram contratados quase 1,9 milhão de jovens, um aumento de 20,54% em relação a 2006. Entre os trabalhadores com mais de cinquenta anos, o maior crescimento foi na faixa dos cinquenta e cinco aos cinquenta e nove anos: mais de 2,1 milhões de pessoas conseguiram emprego, 11% acima do ano anterior. Isto aponta que há mais vagas de emprego no Brasil para pessoas mais maduras do que antes.

Este levantamento sugere, portanto, que é possível aumentar esse percentual de pessoas adultas e não mais consideradas jovens no mercado de trabalho, se estas

pessoas fossem mais qualificadas. E, ainda, supõe que boa parte destas pessoas, encontra-se fora do mercado em decorrência de fatores como: idade, baixa escolaridade, exclusão digital, longo período de desemprego e dificuldades financeiras em procurar qualificação profissional, etc. Segundo o IBGE (2010), a maioria dos profissionais brasileiros que tem entre vinte e cinco a quarenta e nove anos de idade, compõe 62,5% dos trabalhadores no país. A pesquisa revelou também que o mercado brasileiro registrou aumento de profissionais com cinquenta anos ou mais, representando um grupo de 21,5 % do total de pessoas que trabalham.

Segundo Malaquias (2003), hoje, “navegar” é imprescindível, sobretudo, dominar as tecnologias de informação. Sem embargo, informação mantém-se como ferramenta de poder. Neste sentido, o analfabetismo digital pode ser visto como um grande fator de exclusão, que resulta em sérias implicações sociais, políticas, jurídicas e econômicas. Logo, a inserção de um público, que até certo ponto possui pouca ou nenhuma afinidade com o mundo virtual, é algo que atualmente faz-se extremamente necessário como recurso integração nas mais diversas esferas da vida do indivíduo.

Ressaltamos que as pessoas da terceira idade necessitam de um tempo maior e seguem um ritmo mais lento para aprender a manipular e assimilar os mecanismos de funcionamento desses artefatos. O uso dessa ferramenta permite a pessoas com mais idade, uma melhora das condições de interação social e estímulo à atividade mental. (KACHAR, 2003). Assim, concordamos com Malaquias (2003) quando afirma que, nosso país não pode perder essa chance histórica e singular de se desenvolver, concomitantemente, com o desenrolar da revolução da Informática, viabilizando, dentre outros aspectos, o exercício democrático da cidadania plena.

RELATOS DE VIVÊNCIAS SOBRE O PROJETO DE EXTENSÃO VISANDO A INCLUSÃO DIGITAL

Sobre o Projeto de Extensão

O contexto atual envolvendo o mundo do trabalho está cada vez mais competitivo e exigente. O conhecimento na área de informática tornou-se crucial para as pessoas que buscam ingressar no mesmo com possibilidades competitivas reais. Percebendo a necessidade de levar esse conhecimento para indivíduos da comunidade, a primeira edição deste projeto de extensão foi realizada no ano de 2013. Conforme já explicado anteriormente, o projeto denomina-se *Inclusão Digital e Assessoria de Emprego para pessoas acima de 40 anos de idade*.

O referido projeto possui a participação de acadêmicos (bolsistas e voluntários), pertencentes aos cursos de Administração e Ciências Contábeis do referido Campus. Os encontros ocorrem duas vezes por semana e são intercalados, em um momento ocorre a aula de informática básica e no outro ocorre a assessoria de emprego (com

palestras sobre empregabilidade, dicas e noções de como procurar emprego e nele se manter). Por esse motivo, os acadêmicos extensionistas dividem-se em duas equipes e fazem revezamento entre as aulas, embora boa parte desses alunos tenha optado pela participação e atuação nos dois encontros semanais. Esta demanda foi gerada pelo envolvimento ativo dos mesmos no projeto e pela percepção destes da necessidade de um grupo maior de monitores para alcançar a demanda por saberes dos indivíduos aprendizes.

Ressaltamos que desde a primeira edição, são os próprios acadêmicos que, na condição de monitores, fazem a pesquisa bibliográfica, elaboram as aulas, organizam os slides, organizam teatros e dinâmicas motivacionais e organizam o lanche nos intervalos das aulas, sendo que a intenção do café com biscoitos é a de promover um ambiente mais acolhedor para aliviar possível tensão no momento do aprendizado. (MELO, SANTOS e BARBOSA, 2014).

Durante a segunda Edição deste projeto de extensão (ano de 2014), em uma ação paralela, foi desenvolvido um projeto de pesquisa interno da Universidade intitulado *Olhares, experiências e resultados da Inclusão Digital de Pessoas Adultas por meio de um Projeto de Extensão*, com a intenção de conhecer melhor os sentidos e percepções dos indivíduos aprendizes diante desse processo: quais eram suas expectativas, dificuldades e êxitos.

A pesquisa foi essencialmente qualitativa, com instrumentos contendo questões abertas e fechadas, visando identificar não apenas o perfil da comunidade participante do projeto, mas também coletar suas opiniões sobre o processo.

O perfil destas pessoas foi analisado através das fichas de inscrição, questionários e entrevistas, perfazendo um total de 41 pessoas. As entrevistas foram realizadas no decorrer das aulas a fim de se conhecer a avaliação da comunidade em relação ao projeto.

Segue o resumo de alguns resultados desta pesquisa:

- Notou-se maior número de mulheres matriculadas: 30 pessoas do sexo feminino e 11 pessoas do sexo masculino.
- Avaliando o nível de conhecimento em informática antes de começar o projeto de Inclusão Digital, 90,24% das pessoas inscritas declararam não ter nenhuma noção de uso de um computador, enquanto que apenas 9,76% delas se declararam possuidoras de algumas noções de informática básica.
- Foi observado também durante a pesquisa que 68,3% dos matriculados não tinham concluído o Ensino Médio. Sendo que do grupo restante, 26,83 % tinha concluído o Ensino Médio e apenas 4,88% tinha nível superior.
- Sobre a situação destas pessoas em relação ao trabalho, 65,85% dos inscritos confirmaram estar trabalhando (formal ou informalmente), enquanto que 34,15% informaram que estavam fora do mercado de trabalho. Observamos que muita gente estava na informalidade. Entre as mulheres que estavam no projeto, algumas se declaravam faxineiras (diaristas), cuidadoras de crianças e

idosos, vendedoras de produtos por catálogos (Avon e outros), donas de casa, etc. Entre os homens, estavam profissionais como, por exemplo, pedreiro, vendedor de consórcio, pastor de igreja evangélica, porteiro de prédio, gari, encanador, vendedor ambulante, etc.

- Quando indagados sobre qual seria a meta de cada um em relação ao projeto, constatou-se que 47% das pessoas elegeram a possibilidade de se tornarem independentes no uso do computador; 21% escolheram a opção adquirir novos conhecimentos e 32% delas elegeram a possibilidade de arranjar emprego.
- Quando questionados se as palestras e as aulas de informática puderam gerar enriquecimento na vida profissional ou pessoal de cada um, tivemos a confirmação de 100% delas, ou seja, todas concordaram que o projeto pôde ser utilizado no cotidiano de suas vidas.
- Outra questão apurada com 100% de confirmação foi quando perguntado se a permanência de monitores perto dos computadores durante as aulas permitia uma melhor aprendizagem. Todos consideraram relevante a permanência de vários acadêmicos voluntários e bolsistas atuando como monitores durante as aulas de informática. (MELO, 2015)

Ainda sobre a segunda edição, vale comentar que as representantes do sexo feminino representaram a maioria e eram também o grupo mais assíduo às aulas, com maior número de frequência e participação. Tal perfil também foi observado no quesito ‘desistência’ durante o semestre, identificando-se que as representantes do sexo feminino foram mais persistentes e, os representantes do sexo masculino, aqueles que mais evadiram.

Quanto ao nível de dificuldade sobre as novas tecnologias, observou-se que muitos indivíduos não sabiam sequer ligar um computador e chegaram a relatar que nunca haviam feito isso anteriormente. Foram detectadas algumas dificuldades consideradas simples tais como: manusear o mouse, posicionar as mãos no teclado, minimizar ou fechar um arquivo que esteja sendo utilizado, dentre outros. A necessidade de acompanhamento destas pessoas de forma individualizada era constante.

Também foi possível observar que a busca pela inclusão digital é assumida não apenas como uma forma de busca pela qualificação, mas também a busca pelo acesso ao conhecimento disponibilizado em formato digital. Observou-se ainda que uma quantidade expressiva de pessoas relatava viver do trabalho informal, situação que identificavam como sendo devida à baixa qualificação exigida para o trabalho de caráter formal.

Outro resultado importante da pesquisa é o fato de que, inicialmente, pensou-se que a demanda pelo projeto seria majoritária, ou mesmo exclusiva, de pessoas interessadas na qualificação profissional, mas não foi exatamente o que os dados revelaram. Inscreveram-se no projeto indivíduos da comunidade que estavam interessadas na inclusão digital para a obtenção de maior autonomia no manuseio do computador visando a resolução de problemas cotidianos como acesso a sites institucionais, compras e pedidos online, contato com amigos e familiares através das

redes sociais, pesquisas de produtos, dentre outros.

Já em sua terceira edição, no ano de 2015, o projeto contou com um público ainda mais específico, pois o grande número de inscritos foi composto por membros de uma Associação de Idosos (Os Gideões) que fica localizado nas imediações do Campus Aparecida de Goiânia. Por esse motivo, a turma era mais homogênea, com idades que variavam entre 60 e 80 anos. A grande maioria trabalhava informalmente (artesanato, venda de cosméticos, prestação de serviços domésticos, entre outros) para complementar a renda familiar.

Muitos membros da comunidade já eram aposentados e chegaram à UEG com o objetivo de desvendar estratégias de acesso a recursos da tecnologia com as quais, até então, tinham pouco ou nenhum contato. Assim, os indivíduos relataram aderir à proposta do projeto motivados pela vontade de voltar a aprender, manterem-se informados e para ter assuntos para discutir com seus familiares, que ‘muitas vezes não dedicavam tempo suficiente’ para ensiná-los.

Nesta última edição, devido ao fato de o público ser expressivamente por idosos, houve uma motivação diferenciada na escolha das dinâmicas, teatros e palestras, pois a procura da comunidade pelas novas mídias estava mais relacionada à parte social que profissional e suas limitações quanto ao uso de computador eram mais expressivas. Neste sentido, Garcia (2001) relata que é necessário compreender as limitações características dos idosos a fim de identificar atividades desempenháveis e satisfatórias para eles e assim, poder detectar meios de adesão desses indivíduos no que tange às relações sociais contemporâneas marcadas pelas novas tecnologias.

Observou-se durante as aulas uma grande dificuldade dos indivíduos aprendizes de informática básica, pois muitos deles não tinham computadores em casa e alegavam que não ter feito nenhum contato com um computador anteriormente. Com esta população, foram detectadas algumas dificuldades consideradas simples tais como: manusear o mouse, posicionar as mãos no teclado, minimizar ou fechar um arquivo, etc.

Observou-se ainda que nas três edições houve avanço na autonomia destes indivíduos com os computadores/ meio digital. Embora eles apresentassem muitas dificuldades, não demonstraram resistência em aprender e, por isso, para incrementar o processo de aprendizagem de todos, os acadêmicos-monitores realizaram sucessivas pausas até que todos confirmassem haver conseguido executar a atividade proposta. Quando identificadas dificuldades em maior escala, algumas atividades ficavam pendentes para a próxima aula. (MELO, SANTOS e BARBOSA, 2014).

Portanto, os indivíduos com idade mais avançada apresentaram maior dificuldade com relação ao manuseio, visualização e memorização das informações no que diz respeito ao computador, porém, os acadêmicos buscaram proporcionar um ambiente mais humanizado, com inserções de brincadeiras e dinâmicas, permitindo maior interação entre o grupo e o estabelecimento de uma amizade entre eles, e, desta forma, percebeu-se que as dificuldades identificadas ao longo do tempo foram

sanadas satisfatoriamente.

Relatos de Experiência deste Projeto de Extensão

Conforme relatos dos acadêmicos que desenvolveram ações de extensão neste projeto, realizados no II Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG (2015), pode-se destacar que:

Apesar da idade mais avançada, tomando como exemplo, a turma da terceira edição, consideramos que esta foi bastante ativa, participativa e interessada. Participaram de bom grado das atividades preparadas, das dinâmicas, das brincadeiras e das aulas teóricas. Apesar da dificuldade inicial com o computador, visto que eles não tinham o convívio com a máquina, ao longo do tempo, o conteúdo pôde ser absorvido de forma proveitosa. A interação entre os membros do grupo foi evidente, o que auxiliou muito no desenvolver das aulas. [...] Além da parte de informática, foi trabalhado o tema de bem-estar e auto-estima na terceira idade. Foram feitas palestras e dinâmicas com psicólogos voluntários, que buscaram reforçar com os alunos o quanto eles são importantes e necessários para a sociedade, visando extinguir qualquer sentimento de inferioridade ou abandono. (Aline Elize Pinto Nazaré, relato apresentado no II Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG no dia 22 de outubro de 2015).

Este relato ilustra a relação de empatia e afeto com a comunidade assistida:

[...] Assim [ao longo do tempo] elas foram despertando em nós admiração e carinho, ao ponto de elas compartilharem suas próprias histórias de vida. Foi então que percebemos que muitas pessoas participavam do projeto não para conquistar seu espaço no mercado de trabalho, mas sim porque dentro do projeto elas se sentiam ainda capazes de adquirir um conhecimento e colocar em prática, pois por conta da idade muitas dessas pessoas se achavam incapazes de aprender algo novo, mas quando elas se deparavam com a metodologia do projeto Inclusão Digital, viam que estavam equivocadas. (Relato do acadêmico Junielson Dias Barbosa no dia 05 de março de 2016).

Quanto à percepção dos acadêmicos sobre as contribuições deste projeto no enriquecimento de suas vidas, segue a descrição abaixo:

Mais que benefícios para os alunos da comunidade, o projeto tem trazido muitos benefícios também para os discentes da UEG. A cada ano, é possível perceber o amadurecimento dos participantes. A melhora da dicção, na postura ao falar, no modo de tratar com a comunidade. Pode-se notar claramente os avanços dentro da sala de aula, nas apresentações de trabalhos e seminários. [...] A oportunidade de fazer pontes entre a teoria dada em sala de aula, com a prática, é de grande valia. Dar aula e estar à frente da organização e planejamento de um projeto como esse, nos fornece a chance de praticar matérias como psicologia nas organizações, gestão de pessoas, marketing, dentre outras. (Aline Elize Pinto Nazaré, relato apresentado no II Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG no dia 22 de outubro de 2015).

Ainda sobre o mesmo tema, seguem dois outros relatos:

Participando do projeto nós alcançamos desenvolvimento e confiança pessoal, dinamismo e aprimoramento na vida pessoal, melhor aprendizagem sobre os temas de administração, experiência de falar em público etc. A ideia do Projeto deu tão certo que já se formaram três turmas, em que a finalização de cada edição, temos a sensação de satisfação dos envolvidos, tanto por parte dos alunos do Campus, como por parte da comunidade. Neste sentido, percebemos o quanto o papel de

uma universidade vai muito além de formar apenas profissionais, mas também de formar cidadãos. Na tríade ensino, pesquisa e extensão, existe um papel muito importante na formação do aluno enquanto cidadão, por isso, a indissociabilidade entre três elementos deve realmente se concretizar nas universidades [...].(Relato do acadêmico Junielson Dias Barbosa, no dia 05 de março de 2016).

[...]Percebi que a maioria [dos indivíduos inscritos no projeto] nunca tinha posto a mão em um mouse para mexer num computador, mas a curiosidade, a vontade e a determinação desses idosos para aprender me surpreenderam. Também notei que eles melhoraram muito com o avanço das atividades deste projeto. [...] Esse projeto me emocionou bastante, eu sou uma pessoa muito tímida e reservada, porém, com esses idosos é só diversão e alegria, ninguém fica de lado, pois quando chegam, saem cumprimentando todos com beijos e abraços, então o meu convívio com pessoas melhorou bastante, a gente aprende a se soltar muito. Na minha vida profissional acredito que isso seja de grande importância, acredito que poderei me relacionar melhor com pessoas desconhecidas. [...] Aprendi a ter um carinho muito grande por pessoas idosas. (Relato da acadêmica Kaysa Ribeiro de Oliveira, no dia 08 de março de 2016).

Alguns autores salientam a necessidade de se planificar propostas metodológicas direcionadas para a população idosa, tendo em atenção aspectos específicos do seu processo cognitivo, do ritmo diferenciado de aprendizagem, os recursos intelectuais que se mostram um tanto mais limitados, além das restrições sensoriais próprias do envelhecimento. Mais especificamente, no que concerne ao ensino das TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação) a idosos, faz-se necessária a promoção de um ambiente de aprendizagem próprio para os indivíduos em questão, que envolve a criação de um modelo de interação com a máquina de esteja em consonância com as suas necessidades e condições físicas (PEREIRA; NEVES, 2011).

Sobre a ambiência observada neste projeto, segue o seguinte comentário:

Foi criado um ambiente onde podemos corroborar para a diminuição das dificuldades dos alunos e também foi elaborada uma metodologia de ensino participativa e com uma interação aluno-professor muito grande, de modo que conseguimos trazer uma segurança aos alunos, para apresentarem suas dificuldades e aceitarem nosso auxílio. (Relato do acadêmico Diorgenes dos Santos, no dia 08 de março de 2016)

Observou-se que a assiduidade e envolvimento dos acadêmicos- monitores inscritos no projeto foram acima do esperado. Dentre outros relatos feitos pelos mesmos em edições anteriores podemos mencionar:

[...] fui um dos primeiros acadêmicos a fazer a inscrição neste projeto, confesso que me inscrevi com muita insegurança pois sempre fui tímido, calado, nunca fui de interagir com pessoas que não conhecia. [...] posso afirmar que este projeto também mudou a minha vida, no sentido de me ajudar a falar em público, hoje consigo falar com segurança com as pessoas que estão olhando para mim. [...] Me sinto honrado de fazer parte deste projeto, fico realizado de ver estas pessoas com o sorriso no rosto pela satisfação de aprender algo novo, isso não tem preço, este projeto da professora me fez perceber que podemos mudar o mundo algum dia. (Relato do acadêmico Jandersson Ferreira de Paula no dia 13 de dezembro de 2013)

[...]

O projeto de extensão – Inclusão Digital é uma experiência que levarei comigo para a vida toda. Não sabíamos que ajudar as pessoas é tão bom, o mais legal é que são coisas simples que modificam a vida das pessoas. [...]

O projeto ajudou os acadêmicos da universidade a se desenvolverem na apresentação em público e no diálogo com as pessoas. E, sem contar que ajudamos a população que nunca nem teve contato com o computador a manuseá-lo apesar das dificuldades por ser o primeiro contato com o mesmo. Mais que no final deu tudo certo e os alunos adoram sentar em frente o computador e usá-lo. Foi uma coisa tão interessante, que nunca tinha vivenciado. No percorrer das aulas criamos muito afeto e carinho uns pelos outros, isso foi incrível a relação entre aluno e professor em sala de aula motiva nós acadêmicos participantes do projeto e aos alunos da região que estão aprendendo de forma básica a mexer e manusear um computador. [...](Relato da acadêmica Lorena Xaves no dia 15 de dezembro de 2013).

[...]

Minha experiência com o projeto foi bem mais o que eu imaginei, antes queria só apenas completar minha carga horaria com o projeto, e depois sair do projeto, confesso que eu era uma pessoa totalmente diferente. Eu tinha muita vergonha de falar em público, era tímido e não me importava com o próximo. [...] depois da primeira etapa do projeto eu me apaixonei e passei a me importar com aquelas pessoas, estranhei no princípio mas foi muito bom ter um sentimento de amor e carinho em ajudar o próximo. [...] falar em público ainda me assombra, mas estou me acostumando, o projeto mudou de certa forma a minha vida. Continuo no projeto como voluntario nestas 4 edições. (Relato do acadêmico Janderson Ferreira de Paula no dia 10 de março de 2016)

Pode-se afirmar que, com a realização do projeto, pretendia-se trazer um novo leque de informações aos indivíduos, que viriam a ter um maior conhecimento sobre essas novas tecnologias em voga na atualidade.

Ao viabilizar a sua inserção, de maneira mais assertiva, neste novo ambiente poder-se-ia viabilizar o aumento da interação social com os demais usuários da rede, pela via da independência em relação ao manuseio da máquina. Todavia, o projeto superou estas expectativas iniciais, inscrevendo-se, também como ferramenta de empoderamento destes indivíduos, confirmando a tese de que a utilização de computadores e das tecnologias de informação e comunicação a eles agregados, abrem uma nova perspectiva de resgate e inclusão social, por contribuírem para o aumento da autoestima das pessoas idosas já que, além de ampliar os horizontes da comunicação, aumenta sua interação social e independência, como também a legitimação do idoso enquanto cidadão crítico e reflexivo. (SALES; XAVIER; BAYER, 2003).

Ao fim e ao cabo, pode-se sustentar o pressuposto de que, possibilitando aos indivíduos de uma faixa etária mais madura, meios de se familiarizam com as novas tecnologias, estima-se que consigam acompanhá-las satisfatoriamente, fazendo o uso das mesmas na resolução de demandas cotidianas. Neste sentido, pudemos identificar, na prática, e de uma forma participativa e acolhedora, o desvelamento de novos horizontes aos indivíduos participantes, descoberta que nos impõe novos

desafios nesta seara.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acerca deste projeto, ponderamos que, mesmo em menor proporção em termos numéricos, o mesmo tenha alcançado seus principais objetivos. Neste sentido, e por sua amplitude, concordamos com o pressuposto de que a Extensão, em uma Instituição de Ensino Superior, é considerada um de seus mais caros pilares.

Confirmamos, pela via da realização do projeto, que aprender a manusear a Tecnologia de Informação e Comunicação é um processo que permite ao idoso manter contato com familiares, amigos, conhecendo diferentes pessoas e viabilizando sua inserção em novos grupos de socialização. Ao refletir sobre as demandas cotidianas na contemporaneidade, percebemos que, em nosso cotidiano, estamos cercados por sistemas e dispositivos informatizados e interativos, como computadores, caixas eletrônicos e celulares, e notamos que a população da terceira idade, demanda um apoio para utilização de tais ferramentas, potencializando suas ferramentas de autonomia.

Esta perspectiva de interpretação justifica, por si só, a importância de tal projeto junto à comunidade de terceira idade aparecidense, que passa a contar com um meio para a disseminação de conhecimento sobre as tecnologias da informação, fazendo com que a mesma possa assim adquirir independência na realização de atividades cotidianas ligadas ao uso do computador, tais como acesso à internet, e-mail e redes sociais, tornando-se assim mais autônomos e confiantes em seus recursos internos de aprendizagem diante dos desafios cotidianos.

Como sustentam Melo, Santos e Barbosa (2014), observa-se uma maior autonomia nos alunos inscritos em projetos extensionistas de caráter inclusivo e digital, não somente no uso do computador, como também no manuseio de caixas eletrônicos, celulares e outros aparelhos eletrônicos, evidenciando a relevância desta modalidade de trabalho no que concerne tanto aos objetivos propostos, quanto aos resultados. A autonomia percebida nos indivíduos mostra-se como recurso libertador, gerador de um amplo sentimento de pertencimento e identificação.

Percebeu-se, na execução do projeto, que o contato entre monitores (acadêmicos) e a comunidade permitiu um crescimento mútuo de expectativas, compromisso e afeto. Tal experiência permitiu maior interação entre eles, sendo notável o estreitamento dos laços de amizade, tolerância a diferentes ritmos e visões de mundo, permitindo que as dificuldades operacionais no manuseio do equipamento, identificadas ao longo do tempo pudessem desaparecer, dando lugar à alegria, desvelada a partir da superação dos desafios.

Importante salientar que os relatos apresentados no presente trabalho não se pretendem conclusivos, quanto à sua capacidade de generalização. Ao contrário, esta

experiência propõe-se a inscrever-se como uma das possibilidades de leitura relativas ao valor do trabalho extensionista, no que tange ao seu espectro de ação. Ficam, ainda as percepções de que iniciativas ligadas a projetos de inclusão digital são necessárias, viáveis e, principalmente, desejadas por aqueles que identificam o mundo digital como uma metáfora dos desafios àqueles que ainda não se sentem inseridos no ‘espírito’ do tempo em que vivem.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho?**: ensaio sobre metamorfose e a centralidade do mundo do trabalho. SP: Cortez, Universidade Estadual de Campinas, 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Prefácio. In: SOUZA, Murilo Mendonça de Oliveira; CARVALHO, Guido de Oliveira. **Extensão Universitária: metodologias e experiências**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2016.

BRASIL. **Ministério da Previdência**. Disponível em: <http://www.mpas.gov.br/buscaGeral.php>. Acesso em: 15 abr. 2013.

BRASIL. **Programa de Inclusão Social**. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/sobre/educacao/aceso-a-bibliotecas-publicas-na-rede>. Acesso em 01 mai. 2013.

CANTÚ, Margarete. **Qualificação profissional, inserção, reinserção e permanência no mercado de trabalho**: os egressos do programa Integrar. UFRS: 2003. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/2057/000363361.pdf?sequence=1>. Acesso em: 02 mai. 2013.

CARREAZO, Diana Isabel. **A importância da Tecnologia em Nossas Vidas**. Disponível em: <http://looscarvalho.blogspot.com.br/2010/10/importancia-da-tecnologia-em-nossa-vida.html> >. Acesso em: 05 dez 2013.

CASTILHO, Rosane M. **Juventudes**: Pesquisa e produção de conhecimento. 2 ed. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2017.

Garcia, H. D. (2001). **A terceira idade e a Internet: uma questão para o novo milênio**. Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação, Universidade Estadual Paulista, Marília, Paraná, Brasil.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria do agir comunicativo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=987>. Acesso em: 19 abr. 2013.

KACHAR, Vitória. **Terceira idade e Informática**: aprender revelando potencialidades. São Paulo: Cortez, 2003.

JEZINE, Edineide. **As Práticas Curriculares e a Extensão Universitária**. Disponível em: <http://www.ufmg.br/congrext/Gestao/Gestao12.pdf>>. Acesso em: 06 mar. 2016

MALAQUIAS, Bruno Pires. **O Analfabetismo Digital**. Disponível em: <http://www.ibdi.org.br/site/artigos.php?id=159> >. Acesso em: 05 dez 2013.

MELO, Flávia Valéria Cassimiro Braga. **Olhares, experiências e resultados da Inclusão Digital de Pessoas Adultas por meio de um Projeto de Extensão**. Relatório final do Projeto de Pesquisa. Universidade Estadual de Goiás, Campus Aparecida de Goiânia, 2015.

MELO, Flávia Valéria C. Braga; SANTOS, Diorgenes dos; BARBOSA, Junielson Dias. **Experiências de um projeto de extensão visando a inclusão digital de pessoas adultas.** Estácio de Sá – Ciências Humanas. Revista da Faculdade Estácio de Sá. Goiânia SESES-Go. Vol. 02, nº 09, 33-40, Jul. 2013/Jan. 2014.

NAZARÉ, Aline Elize Pinto; SANTOS, Diorgenes dos; SILVA, Bruna Rodrigues. **Socialização sobre as experiências de um projeto de extensão com adultos.** In: II Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG. Apresentação oral. Pirenópolis, 2015.

ONU. **Organização das Nações Unidas.** Disponível em: <http://www.onu.org.br/a-onu-em-acao/a-onu-em-acao/a-onu-e-o-desenvolvimento/>. Acesso em: 21 mai. 2013.

PEREIRA, C.; NEVES, R. **Os idosos e as TIC** : competências de comunicação e qualidade de vida. Revista Kairós Gerontologia, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 05-26, mar. 2011.

SALES, M. B.; XAVIER, A., BAYER, J. Metáfora e Dinâmicas de Grupo em Oficina de Internet para Idosos. In: **Conferência Ibero-Americana.** www/Internet. Algarve/Portugal, 2003, p. 175-178.

SANTOS, Marcos Pereira dos. **Contributos da extensão universitária brasileira à formação acadêmica docente e discente no século XXI:** um debate necessário. Revista Conexão UEPG. 2006, v. 06, n. 01, p. 10-15. Disponível em:< <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/conexao/article/view/3731>>. Acesso em: 27 ago. 2012.

SERRANO, Rossana Maria Souto Maior. **Conceitos de extensão universitária:** um diálogo com Paulo Freire. Paraíba, 2008. Disponível em:< http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/atividades/discussao/artigos/conceitos_de_extensao_universitaria.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2016.

SOUSA, Ana Luiza Lima. **A história da extensão universitária.** 1. ed. Campinas: Ed. Alínea, 2000. 138 p.

VIANA, Nildo. **O capitalismo na era da acumulação integral.** Aparecida, SP: Editora Santuário, 2009.